



**PERSPECTIVAS**  
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 6, Nº 1, 2021, P. 244-256  
ISSN: 2448-2390

## **Relação entre natureza e humanidade em Walter Benjamin e Ailton Krenak**

### **Relationship between nature and humanity in Walter Benjamin and Ailton Krenak**

DOI: <https://doi.org/10.20873/rpv6n1-96>

**Patrícia Carvalho**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9288-2829>  
Email: [p.atriciacarvalho@outlook.com](mailto:p.atriciacarvalho@outlook.com)

#### **Resumo**

Este artigo se propõe pensar a relação entre natureza e humanidade a partir de alguns ensaios de Walter Benjamin – particularmente através da leitura do fragmento *A caminho do planetário*, em *Rua de Mão Única*, assim como dos ensaios *Sobre o conceito de história*, com ênfase na Tese XI, e *d'A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* – em paralelo com a leitura do ensaio de Ailton Krenak, liderança indígena da região do vale do Rio Doce, intitulado *Ideias para adiar o fim do mundo*. A proposta de buscar esse diálogo entre autores tão distantes – de realidades político-sociais e culturais que até mesmo se desconhecem –, em uma primeira vista, baseia-se na necessidade que ambos tiveram de pensar sobre a catástrofe iminente como consequência da dominação da natureza.

#### **Palavras-chave**

Natureza. Humanidade. Progresso. História. Walter Benjamin. Ailton Krenak.

#### **Abstract**

This article proposes to think about the relationship between nature and humanity based on some essays by Walter Benjamin – particularly through the reading of the fragment *To the planetarium*, in *One-Way Street*, as well as the essays *On the concept of history*, with emphasis on Thesis XI, and *The work of art at the time of its technical reproducibility* - in parallel with the reading of the essay by Ailton Krenak, indigenous leader of the Rio Doce valley region, titled *Ideas to Postpone the End of the World*. The proposal to seek this dialogue between authors so far away – from political, social and cultural realities that are even unknown to each other – in at first glance, it's based on the need they both had to think about the catastrophe imminent as a consequence of the domination of nature.

#### **Keywords**

Nature. Humanity. Progress. History. Walter Benjamin. Ailton Krenak.

*Eu não percebo onde tem alguma coisa  
que não seja natureza. Tudo é natureza.  
O cosmos é natureza. Tudo é natureza.  
Tudo em que consigo pensar é natureza*  
Ailton Krenak  
(*Ideias para adiar o fim do mundo*)

*(...) por toda parte cavaram-se poços  
sacrificiais na Mãe Terra. Essa grande corte  
feita ao cosmos cumpriu-se pela primeira vez  
em escala planetária, ou seja,  
no espírito da técnica.*  
Walter Benjamin  
(*A caminho do planetário*)

Walter Benjamin escreveu as *Teses sobre o conceito de história* em 1940, durante o auge do fascismo na Europa, momento da invasão da Europa Ocidental pela Alemanha assim como o início das operações de extermínio no campo de Auchwitz-Birkenau. Diante não mais da iminência da catástrofe, mas da confirmação desta, o pensador alemão afirmará, de modo mais categórico do que em outros escritos, que o fascismo é a consequência da dominação da natureza em prol de uma concepção positivista do trabalho. Benjamin escreve:

Seu interesse [do trabalho enquanto o próprio redentor] dirige-se apenas aos progressos na dominação da natureza, e não aos retrocessos da sociedade. Já estão visíveis, nessa concepção, os traços tecnocráticos que mais tarde vão aflorar no fascismo (BENJAMIN, 2012, p. 247).

A concepção da natureza enquanto fonte infinita de recursos e que deve ser explorada através do trabalho Benjamin contrapõe ao utopismo de Fourier, para o qual o trabalho, ao invés de explorar a natureza, “é capaz de liberar as criações que dormitam, como possibilidades, em seu ventre” (BENJAMIN, 2012, p. 248). Fourier vislumbrava a relação harmônica entre a humanidade e a natureza através do trabalho social bem organizado, que seria capaz de reordenar os fenômenos naturais em consonância com a humanidade, em prol desta, e não à mercê, como um produto que é passível de se tornar mercadoria. Benjamin busca no socialismo utópico de Fourier sementes fecundas contra o marxismo vulgar, o qual promulgava uma ideia

secularizada de trabalho que ignorava os retrocessos da sociedade como consequência da dominação da natureza.

Essa propícia passividade da natureza diante as ações humanas advém da ideia de razão enquanto instrumento de dominação. Tal formulação é promulgada inicialmente por Francis Bacon, no século XVI, ao afirmar que o conhecimento científico é predominantemente instrumento de poder e dominação da natureza – e, conseqüentemente, dos homens –, e que o objetivo e função da ciência não está na busca da “verdade”, mas no método, no procedimento eficaz. No ensaio *Conceito de esclarecimento*, presente na obra *Dialética do Esclarecimento* (1944), de coautoria de Adorno e Horkheimer, os autores argumentam sobre o caráter totalitário do esclarecimento, e afirmam que a técnica é a essência desse saber, que, por sua vez, não objetiva o deleite do conhecimento, mas “o método, a utilização do trabalho de outros, o capital” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 18). Logo, os alicerces da razão enquanto fonte de discernimento, sucumbem diante do “pensamento que se faz violência a si mesmo” (*ibidem*, p.18), submetido apenas aos critérios matemáticos, da calculabilidade e pragmatismo.

Esse *logos*, que se torna a gênese da filosofia moderna a partir de René Descartes, no século XVII, tem como prenúncio a própria matematização da natureza, assim como das relações sociais. A busca do conhecimento verdadeiro deveria estar fundada na *mathesis universalis* cartesiana, independente do objeto de análise, pois a partir do método científico o sujeito que detém o pensamento – o *cogito* – reduz o mundo à sua própria medida. Deste modo, a concepção de ciência e, conseqüentemente, do conhecimento científico enquanto instrumento de dominação, torna-se afirmativo na sociedade burguesa. Segundo Horkheimer, no ensaio *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (1937), a aplicação de um método científico para a compreensão do funcionamento da sociedade neutraliza as barreiras limítrofes entre indivíduo e sociedade, como a hierarquização da sociedade em classes sociais e a divisão do trabalho. Ou seja, ao analisar a sociedade a partir de um método matemático, cartesiano, ignora-se as nuances da estrutura social, naturalizando as relações que daí advém, principalmente as relações de produção, mediadas pela técnica. Por não se identificar com o todo social, o indivíduo não se reconhece enquanto produto de determinados processos econômicos, políticos e sociais, assimilando-os

como processos naturais, independentes de sua vontade e razão. O ordenamento da vida social, através desta cientificidade, a desumaniza. Deste modo, a razão se instrumentaliza, torna-se irracional, e passa a atuar, sem grande resistência, enquanto instrumento de opressão e alienação.

A razão instrumental é, então, apropriada pela política como meio de manutenção da ideologia dominante. A relação entre razão e dominação é a relação entre conhecimento e poder, já imbricados no conceito de ciência de Francis Bacon. Porém, na modernidade, com a ascensão dos partidos totalitários, com ênfase no fascismo, observa-se o desdobramento dessa confluência entre razão e dominação – ou conhecimento e poder: a violência. Como afirma Olgária Matos (1989, p. 143): “A base do saber-poder é o terror”, e assim a racionalidade científica caminhou em direção à barbárie do século XX. Sobre essa relação entre o esclarecimento e o totalitarismo político, Adorno e Horkheimer escrevem:

O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem da ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si torna-se para-ela*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21).

Walter Benjamin já delineava a relação catastrófica entre humanidade e natureza muito antes da ascensão do nazismo, o que nos afirma o quão o filósofo estava atento às mudanças de seu tempo. Escreve *Rua de mão única* em 1928, e o fragmento-aforisma *A caminho do planetário* nos revela as imagens que depois será confirmada na Tese XI *Sobre o conceito da história*. Neste aforisma, Benjamin escreve sobre a relação do homem antigo com a natureza, e afirma que tal experiência é desconhecida na modernidade. Tal “experiência cósmica” (BENJAMIN, 2012, p. 70) foi ignorada pelos modernos, como quimera, o que Benjamin escreve: “É o ameaçador descaminho dos modernos considerar essa experiência como irrelevante, como descartável, e deixa-la por conta do indivíduo como devaneio místico em belas noites estreladas” (*ibidem*). Benjamin acentua que o nascimento da astronomia, ou seja, a observação dos fenômenos

naturais através da ótica científica, conduz a este pensamento o qual objetifica a natureza. O conhecimento científico vê a natureza como um objeto, e não mais como um organismo vivo, pulsante.

A liderança indígena do vale do Rio Doce, Ailton Krenak, conhecido pelo seu inesquecível discurso na Assembleia Constituinte em 1987 – no qual, com o rosto pintado com tinta preta do jenipapo, protesta a favor dos direitos indígenas –, realiza, em seu ensaio intitulado *Ideias para adiar o fim do mundo*, a crítica da ideia de humanidade separada da natureza. Para Krenak, tal concepção de humanidade serviu de justificativa para a violência. A dicotomia entre natureza-humanidade, plantada no seio do processo civilizatório, afirmada pelo pensamento cartesiano e pela revolução científica que se sucedeu, construirá as bases para o sufocamento da natureza em prol dessa “abstração de unidade” (KRENAK, 2019, p. 69) a qual vê a natureza como um recurso à sua disposição. Escreve Krenak:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019, p. 16-17).

Para Krenak, a ideia de progresso enquanto produção incessante de bens materiais levará a uma concepção de humanidade “plasmada, homogênea”, na qual o indivíduo crítico e consciente será substituído pelo consumidor de mercadorias. Em nome *desta* humanidade, a exploração da natureza, enquanto fonte inesgotável de recursos, ameaça sua existência. Essa ideia fixa de humanidade é, além de ideologia, uma construção do imaginário coletivo, que decorre dessa nova era em que vivemos, delineada pelo humano, denominada de Antropoceno. Sobre esta formulação, Krenak escreve: “O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno” (KRENAK, 2019, p.58). Todavia, para Krenak, há algo à parte dessa humanidade, denominada de sub-humanidade, mas que também se encontra ameaçada devido às ações em prol da primeira. A sub-humanidade é caracterizada como “a camada mais bruta, orgânica, rústica, de uma gente que

fica agarrada na terra” (*ibidem*, p. 22). Todavia, essa organicidade incomoda as corporações, que buscam “separar esses filhotes da terra de sua mãe”. A razão administrativa e burocrática, representada também pelas “corporações perversas” ameaçam, assim, a existência dos povos originários. Krenak, ao citar a cosmovisão do povo Yanomami, presente na obra *A queda do céu*, de Davi Kopenawa, liderança indígena Yanomami, afirma que tais corporações “não toleram esse tipo de cosmos, o tipo de capacidade imaginativa e de existência que um povo originário como os Yanomami é capaz de produzir” (*ibidem*, p. 26). Sendo assim, o garimpo, o desmatamento e várias outras ações destrutivas ameaçam o território e a existência dos povos tradicionais, tudo por uma “abstração civilizatória” que nega a pluralidade de formas de vida. O sacrifício da Mãe Terra em nome deste progresso, que não tolera a “dimensão transcendente da natureza” (*ibidem*, 2019, p. 43) é descrito por Walter Benjamin em *A caminho do planetário*:

Massas humanas, gases, forças elétricas foram lançadas ao campo aberto, correntes de alta frequência atravessaram a paisagem, novos astros ergueram-se no céu, espaço aéreo e profundezas marítimas ferveram de propulsores, e por toda parte cavaram-se poços sacrificiais na Mãe Terra. (BENJAMIN, 2012, p. 70)

Decorrente dos anseios da classe dominante por lucro a dominação da natureza se tornou o sentido da própria técnica. Benjamin afirma que a “a técnica traiu a humanidade e transformou o leito de núpcias em um mar de sangue” (BENJAMIN, 2012, p. 70). Para Krenak o desenvolvimento tecnológico, o qual nos trouxe diversas comodidades e facilidades, veio acompanhado da perda de sentido. Krenak escreve: “Sentimo-nos como se estivéssemos soltos num cosmos vazio de sentido e desresponsabilizados de uma ética que possa ser compartilhada, mas sentimos o peso dessa escolha sobre as nossas vidas” (KRENAK, 2019, p. 43). O mar de sangue, a que se refere Benjamin, é o reflexo da perda de sentido da vida e da iminência da destruição da Terra, que ameaça a todos, e não apenas os povos originários. Krenak, assim, também afirma o quando fomos subjugados pela técnica, ao escrever que não devemos nos deixar iludir este aparato (*ibidem*, 2019, p.63).

Benjamin, em seu ensaio *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* (1936), diferencia a técnica em primeira e segunda técnica. A primeira técnica faz parte do mundo circundante de um homem em que a técnica está a serviço do ritual e possui, assim, funções

práticas na manutenção da existência. Benjamin escreve: “O grande ato técnico da primeira técnica é, em certa medida, o sacrifício humano (...)” (BENJAMIN, 2012, p. 43), e isso ocorre devido a mesma estar fundida com o modo de vida humano, em oposição com a segunda técnica, que encontra sua origem quando o homem se distancia da natureza. Segundo Benjamin:

O de-uma-vez-por-todas vale para a primeira técnica (ali se trata da falta, que nunca poderá ser reparada, ou da morte sacrificial, enquanto substituição eterna. O uma-vez-é-vez-nenhuma vale para a segunda técnica (esta tem a ver com o experimento e sua incansável variação e ordenação experimental. (BENJAMIN, 2012, p.43)

Para Benjamin, a dominação da natureza é o objetivo da primeira técnica, enquanto o propósito da segunda técnica é um “jogo conjunto entre natureza e humanidade” (BENJAMIN, 2012, p. 43). Atentemo-nos que o termo “dominação da natureza” utilizado por Benjamin no ensaio d’ *A obra de arte* para designar a relação do que o filósofo denomina “tempo primevo”, “antepassado”, com a técnica, a qual afirma ser “naturalmente atrasada” (*ibidem*, 2012, p.40), não se refere à concepção de dominação da natureza enquanto submissão e destruição, utilizada por Benjamin na Tese XI em *Sobre o conceito da história* e também ao afirmar em *A caminho do planetário* que “(...) dominação da natureza, assim ensinam os imperialistas, é o sentido de toda técnica” (BENJAMIN, 2012, p.70). Em *A obra de arte*, o termo refere-se a um controle das forças naturais para que estas ajam em prol da sobrevivência de determinado grupo, através dos rituais que derramam sua força mágica sobre os fenômenos da natureza, assim como sobre objetos de arte. Por essa razão, Benjamin afirma que, na segunda técnica, o homem se distancia da natureza, pois não busca mais esse entrelaçamento, mas um jogo conjunto. Poderíamos pressupor, nesse momento, que o pensamento do filósofo alemão encontra suas fissuras com a cosmovisão do indígena banhado nas águas do rio Doce, pois para este, esse entrelaçamento com a natureza mantém o seu povo vivo, assim como todos os povos originários, e é justamente a ideia da humanidade separada da natureza que causou a destruição da mesma e é responsável pela iminência da catástrofe planetária. Todavia, a distância da natureza que advém da segunda técnica, trata-se, na concepção benjaminiana, de um novo espaço de jogo (*Spielraum*) no qual Benjamin propõe pensar formas profanas, secularizadas – logo, não mais submetidas à função ritual, mágica – da relação do homem com a natureza. Para Benjamin, a função

social da arte – a partir do advento da reprodução técnica das obras de arte – constitui o exercício nesse jogo conjunto, na constituição dessa relação harmônica. Neste contexto, o ensaísta alemão observa o potencial emancipatório do cinema capaz de “exercitar o homem naquelas apercepções e reações condicionadas pelo trato com um aparato, cujo papel em sua vida cresce quase diariamente”<sup>1</sup> (BENJAMIN, 2012, p. 45)<sup>2</sup>. Assim, como corrobora Irving Wohlfarth: “(...) a técnica moderna, se libertada do processo de dominação capitalista, poderia abrir um espaço de jogo em que a dominação da natureza pelo homem seria superada em prol de uma relação harmoniosa entre ambos” (WOHLFARTH, 2016, p. 3).

Para Krenak, a natureza é compreendida como um organismo vivo, e vive em uma inter-relação com o povo da floresta; relação mútua que mantém a sobrevivência de ambos. Sobre essa solidariedade entre a natureza e os povos que dela sobrevivem Krenak escreve:

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração<sup>3</sup>. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. (...) Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser”. (...) tem um monte de gente que fala com montanhas. No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as

---

<sup>1</sup> Benjamin ao afirmar, no ensaio d’*A Obra de Arte*, que Chaplin é o pioneiro no espaço de jogo, refere-se à capacidade deste, em seus filmes, exibir a descontinuidade da modernidade através da técnica cinematográfica. Chaplin exibiu a mecânica da modernidade através dos movimentos corpóreos do próprio Carlitos. Assim, o pioneirismo de Chaplin se encontra na forma, não em sua narrativa. Em contrapartida a *mathesis universalis* cartesiana, o pequeno vagabundo nos expõe a interruptividade da vida através da utilização progressista da técnica. A ordem cartesiana, matemática – logo, quantitativa e linear – mostra-se incapaz de explicar os meandros inerentes e constitutivos da vida.

<sup>2</sup> Observamos que Benjamin propõe esse “jogo conjunto entre humanidade e natureza” a partir da sua posição enquanto pertencente – ainda que dissidente, como brinca seriamente o professor Paulo Arantes em conversa com Ailton Krenak no MITsp 2020 – ao “povo da mercadoria”, como são denominados os homens brancos, “comedores de terra”, pelo xamã yanomami Davi Kopenawa, em seu livro *A Queda do Céu*, de coautoria com o antropólogo francês Bruce Albert. Ao propormos esse diálogo entre o pensamento benjaminiano e a cosmovisão indígena acerca da relação entre humanidade e natureza, não podemos ignorar o fato, já aludido no resumo deste artigo, que trata-se de realidades político-sociais e culturais distintas, de modo que Benjamin propõe esse jogo conjunto também no seio da própria técnica, que já se encontra imbricada em nossa vida – como quando argumenta sobre o potencial emancipatório da técnica cinematográfica. É categórico para o “povo da mercadoria” aprender a utilizar a técnica de modo progressista, para que não seja destruído por sua própria criação, tal como o mito moderno de Frankenstein.

<sup>3</sup> Krenak refere-se ao rompimento da barragem da mineradora Samarco, em 2015, que destruiu as margens do rio Doce, fundamental para a sobrevivência do povo Krenak. O desastre, ocorrido principalmente devido ausência de fiscalização, transformou a vida dos Krenak, que deixaram de realizar os seus rituais e festas no rio Doce, além da ausência de uma fonte de água limpa para se manterem vivos. As águas manchadas pela lama mataram o rio.



montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. Por que essas narrativas não nos entusiasмам? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente? (KRENAK, 2019, p. 19)

Essa comunhão com a terra está intimamente relacionada com as memórias dos antepassados, com a transmissibilidade da tradição, para que esta se mantenha viva. O questionamento de Krenak na passagem acima entoa, então, uma urgência, pois o esquecimento da tradição significa também a condenação dos povos originários, assim como a morte do planeta. No ensaio *O Narrador*, Benjamin analisa o narrador como um contador de histórias que tem como finalidade o intercâmbio de experiências, e, assim como Krenak, atenta ao fato de que a experiência da arte de narrar está em vias de extinção, e da mesma forma que a liderança indígena observa que as narrativas não mais nos entusiasмам, Benjamin aponta o embaraço que ocorre ao ouvir uma história: “É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 2012, p.213). Para Benjamin o processo da incapacidade de narrar culmina na 1ª Guerra Mundial, e se mantém ininterrupto. O povo Krenak, por sua vez, assim como os outros povos originários, observam esse processo de esquecimento desde a colonização, pois estão lutando incessantemente para manter sua tradição desde tal período. Krenak sempre acentua que a resistência indígena pela sobrevivência não é atual, mas desde o século XVI. De tal modo, ambos veem neste “trato antigo com o cosmos” (BENJAMIN, 2012, p.70) a possibilidade de adiar a catástrofe. Nas palavras de Krenak: “(...) minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história” (KRENAK, 2019, p.27)

Retomando a concepção benjaminiana sobre a possibilidade de um jogo conjunto entre natureza e humanidade, Irving Wohlfarth, em seu ensaio intitulado *Spielraum*, aborda a questão da segunda técnica em Benjamin com a questão do pensamento ecológico. Nas palavras do autor:

A principal ameaça com a qual Benjamin se via confrontado era a de uma nova guerra mundial, provocada pela ascensão do fascismo e, como a I Guerra, pela concorrência econômica entre os países

capitalistas. Hoje, o perigo parece vir, mais claramente que outrora, da guerra econômica travada pelo capital mundial contra o planeta (WOHLFARTH, 2016, p.6)

Walter Benjamin busca repensar a técnica, de modo que esta não se volte contra a humanidade, mas, sim, que a ela seja uma extensão do corpo individual e coletivo – como observa na potencialidade técnica do cinema. Para esta humanidade, segundo Benjamin, “organiza-se na técnica uma *physis* na qual seu contato com o cosmos se forma de modo novo (...)”. Benjamin vislumbra transformar a técnica em um novo órgão, um “novo corpo”, e nesse processo o proletariado seria o termômetro capaz de apreendê-la – a técnica – contra o seu aniquilamento e a favor do seu despertar. Krenak, por sua vez, no ensaio *Ideias para adiar o fim do mundo*, tece críticas contundentes à técnica que, na busca da humanidade por suprir seu estado de prazer através da mercadoria, desenvolveu-se todo um aparato que “se foi sobrepondo ao corpo da mãe Terra” (KRENAK, 2019, p. 60). Para o pensador indígena, a ciência moderna, subjugada pela técnica, cindiu o planeta no século XX, e cita a Guerra Fria como um exemplo de abismo na humanidade: “Isso é um abismo, isso é uma queda” (*ibidem*, p. 62). Todavia, nos questiona acerca do nosso medo acerca da ameaça da queda que paira nosso tempo, e afirma, de modo categórico, que já estamos a cair desde outras eras, e que não devemos eliminar a queda, mas, sim, “descobrir um paraquedas (...) milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos” (*ibidem*, p. 63).

Um olhar mais desatento afirmaria que a crítica a técnica de Ailton Krenak é incompatível com a filosofia benjaminiana na qual afirma a potencialidade revolucionária da mesma. No entanto, observo que a crítica de Krenak é justamente a técnica que “traiu a humanidade e transformou o leito de núpcias em um mar de sangue” (BENJAMIN, 2012, p. 70), que Benjamin evidencia em *A caminho do planetário*. Logo, importante acentuar que o pensador alemão não se apresenta vislumbrado com a técnica por si mesma, pois reconhece nesta o seu poder destrutivo, como expõe no ensaio *A obra de arte* ao discorrer sobre a utilização não natural das forças produtivas:

Essa utilização é encontrada na guerra que, com suas destruições, comprova que a sociedade não estava madura o suficiente para fazer da técnica o seu órgão, e que a técnica não estava suficientemente elaborada para dominar as forças sociais elementares. (BENJAMIN, 2012, p. 121)

Sendo assim, apenas uma mudança no modo de produção adiaria o fim do mundo, e esta apenas se tornará possível a partir de uma concepção do materialismo histórico que busca uma relação com as energias revolucionárias que se encontram na esfera do sonho, da imaginação, a qual as culturas e sociedades pré-modernas reconhecem o seu poder criador. A esta concepção do materialismo histórico e dialético, o qual Benjamin propõe incluir formas profanas dos elementos ‘mágicos’, rituais, das sociedades pré-modernas, o filósofo denominará de materialismo antropológico. Segundo Löwy, o conceito de materialismo antropológico está associado ao “romantismo”, não enquanto escola literária, mas enquanto “uma visão de mundo, um protesto cultural contra o desencantamento capitalista do mundo, contra a civilização burguesa moderna em nome de valores pré-capitalistas” (LÖWY, 2016, p. 55). O materialismo antropológico inclui na ação revolucionária de caráter marxista as energias revolucionárias da embriaguez, conceito que Benjamin apresenta em *A caminho do planetário* como uma relação do homem antigo com o cosmos (BENJAMIN, 2012, p. 70). No ensaio *O Surrealismo* o filósofo afirmará ser esta a tarefa dos surrealistas: “mobilizar para a revolução as forças da embriaguez” (BENJAMIN, 2012, p. 33). Não à toa Benjamin vê nos surrealistas a semente para o florescer de um novo materialismo histórico. Essa embriaguez sóbria, a qual podemos definir como a dialética entre embriaguez e sobriedade, enquanto potência para a revolução, se encontra no seio do movimento surrealista através dos temas os quais os mesmos se apropriaram, com relevância ao sonho. O sonho é a esfera onde a consciência moral, moralizante, sucumbe diante uma nova ordenação da realidade. A importância do sonho enquanto meio de apreensão e construção de uma nova realidade é uma constante na cultura dos povos originários, e sobre o tema Krenak escreve:

Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado (...), mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. (...) Alguns xamãs ou mágicos habitam esses lugares ou têm passagem por eles. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos; não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente. (KRENAK, 2019, p. 65-66)

A urgência da revolução não diz mais respeito, exclusivamente, sobre qual classe ascenderá ou permanecerá no poder, mas, sim, a necessidade de adiar a catástrofe. O que está em jogo é o fim da própria humanidade – tanto a “humanidade que pensamos ser”, quanto a sub-humanidade, os filhos da terra, como descreve e diferencia Krenak. Para Benjamin, a ação revolucionária e a luta de classes têm papel fundamental nesse processo. A crítica de Benjamin acerca do progresso, que fora justificativa para os assombros dos episódios ocorridos no século XX, o leva a pensar a urgência de uma outra concepção de história. O anjo da história, com “os olhos escancarados, seu queixo caído e suas asas abertas” (BENJAMIN, 2012, p. 246) que vê a catástrofe e as ruínas que dela sobreveio, tem nos alertado acerca da “tempestade que chamamos progresso”, e o quanto em nome deste nos encontramos na iminência de uma catástrofe sem volta. O genocídio dos povos indígenas em prol do progresso mancha a terra de sangue, e não só a terra das florestas e reservas indígenas ainda habitadas pelos povos da floresta, mas também das *ruas da cidade*, como canta Milton Nascimento: “Guiaurus, Caetés, Goitacazes, Tupinambás, Aimorés. Todos no chão. Guajajaras, Tamoios, Tapuias. Todos Timbiras, Tupis. Todos no chão”. Nossa “abstração civilizatória” repousa sobre o sangue dos povos originários, e estes afirmariam, sem titubear, que também repousa sobre o sangue da própria Mãe Terra. Krenak afirma, que “para os povos que receberam aquela visita [refere-se ao processo de colonização] e morreram, o fim do mundo foi no século XVI” (KRENAK, 2019, p.76). Logo, a resistência dos povos indígenas diante o seu possível extermínio é incansável, principalmente para algumas etnias que estão por um fio. É preciso elaborar uma nova concepção de história para que possamos nos apropriar da mesma, e assim reestabelecer as relações para adiar o fim do mundo. O passado genocida, seja em ocasião do fascismo na Europa quanto dos séculos de extermínio dos povos indígenas, não pode ser analisado de modo a cristalizá-lo no tempo. É preciso “apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 2012, p. 243). Tanto Benjamin quanto Krenak nos alertam que estamos diante do perigo.

## Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

- BENJAMIN, Walter. **A caminho do planetário**. São Paulo: Brasiliense, 2012
- BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito da história**. São Paulo: Brasiliense, 2012
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. São Paulo: Brasiliense, 2012
- BENJAMIN, Walter. **O Surrealismo**. São Paulo: Brasiliense, 2012
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- KRENAK, Ailton. **Do sonho e da terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- KRENAK, Ailton. **A humanidade que pensamos ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- WOHLFARTH, Irving. *Spielraum*. O jogo e a aposta da “segunda técnica” em Walter Benjamin. Revista Limiar, 2016.

Recebido em: 10/03/2021  
Aprovado em: 20/04/2021

### **Patrícia Carvalho**

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (2017). Atualmente é Mestranda em Filosofia: Arte, Cultura e Subjetividade pela Universidade Federal de São Paulo. Com experiência na área de pesquisa acadêmica com ênfase no filósofo Walter Benjamin, possui vínculo com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP - como pesquisadora bolsista. Participa ativamente de discussões no Grupo de Estudo e Pesquisa do Programa de Pós-Graduação de Filosofia da UNIFESP denominado Grupo de Teoria Crítica.